

ENCONTRO DE DESBRAVADORES

Jornal do Brasil, 15 de maio de 1993

Reunidos no mesmo volume, dois irmãos lembram o pioneirismo dos estudos sobre camadas urbanas e outros alvos da ciência social.

Duas conferências, de Gilberto Velho e Otávio Velho. Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, 86 páginas, Cr\$ 50.000

Por Mariza Peirano

A antropologia feita no Brasil tem como uma de suas características marcantes o fato de que a maioria dos pesquisadores se insere na tradição da disciplina, fundada teoricamente no estudo de grupos indígenas e a este associada ao senso comum, para esclarecer ou elucidar diferentes aspectos da sociedade brasileira de forma mais geral.

Este é o caso de Gilberto Velho e de Otávio Velho, que neste pequeno *Duas conferências*, expõem o estado atual de suas reflexões que tiveram início nos anos 70, um como pioneiro dos estudos antropológicos sobre camadas médias urbanas, o outro como desbravador do estudo sócio-antropológico das frentes de expansão. As conferências reúnem, portanto, textos de dois antropólogos, por acaso irmão, que influenciaram e contribuíram para a consolidação da área no país através de seu trabalho, das diversas teses e dissertações que orientaram, de atividades editoriais, e não menos, posto-chaves de decisão da política científica que ocuparam. Além de valor intrínseco aos temas debatidos nas conferências, trata-se então, de textos que

documentam duas carreiras consolidadas e particularmente bem sucedidas entre os cientistas sociais brasileiros.

É uma pena que a estas *Duas conferências* não estejam anexados os memoriais apresentados à banca examinadora que arguiu e aprovou os conferencistas como novos professores titulares do Museu Nacional da UFRJ. Os memoriais formam um gênero no qual o cientista discorre livremente sobre sua vida acadêmica. Talvez por esta razão ainda não sejam considerados próprios para divulgação mais ampla, já que, pelas regras implícitas do meio social acadêmico, podem por em questão a idealizada objetividade do mundo científico e ferir os padrões de humildade que devem pautar a vida do

pesquisador. Contudo, no caso em questão, eles ajudariam a deixar mais claras as diferentes apropriações que dois cientistas sociais fizeram na mesma época, com a mesma formação básica e influenciados por preocupações semelhantes.

Socializações semelhantes mas estilos bem diversos: em "Unidade e fragmentação em sociedades complexas", Gilberto Velho percebe "mecanismos e características fundamentais da sociedade brasileira, procurando [...] contribuir para uma teoria mais geral das sociedades complexas" através da análise de um evento de posseção que presenciou em Copacabana, Posto 6, Zona Sul do Rio de Janeiro, em um fim de tarde. Já Otávio Velho adota uma linha mais filosófica e existencial em "Antropologia e a questão da representação", na qual estão em pauta vários tipos de conversão: teórica, temática e epistemológica, numa confluência de questões debatidas pelas ciências sociais.

Na conferência de Gilberto Velho, o autor faz bom uso da postura antropológica básica de pôr um "incidente revelador" empiricamente observado como motivação para discutir a possibilidade de consistência cultural nas sociedades complexas, as questões dos símbolos partilhados, a gramática de interação social e a negociação da realidade, as expectativas e desempenhos de papéis congruentes e outros problemas que preocupam os estudantes das sociedades urbanas.

As conferências evidenciam o domínio temático e a maturidade dos estilos

Simmel e Schultz estão presentes como sempre estiverem na trajetória do conferencista, junto a autores brasileiros, num exercício feliz de análise.

A conferência de Otávio Velho também discute as questões relativas à negociação da realidade mas, em texto em que se revelam os questionamentos internos que marcaram a trajetória do autor – quer com o marxismo com que dialogou, quer no tema da religião que hoje o fascina, ou na natureza da própria disciplina, nos textos que esta produz e no papel público do intelectual –, dominam os desafios que induzem a novas posturas. Otávio Velho dialoga com o meio acadêmico brasileiro através da inspiração que busca em grandes pensadores do mundo moderno e, assim procedendo, enfatiza aqui nossa vocação universalista. Ressalto a ideia de um "privilegio do atraso", expressão cunhada por Otávio Velho para falar da especificidade da antropologia vis-à-vis as demais ciências sociais e que possivelmente terá destino tão promissor na riqueza de suas possibilidades quanto outra, igualmente polêmica e proposta anteriormente pelo mesmo autor, a de "privilegio do subdesenvolvimento".

A publicação destas estimulantes conferências dos *Velhos* antropólogos faz a

comparação inevitável. *Dois conferências* põe em relevo dois estilos maduros, seguros, de dois conhecedores do ofício: em um, a continuidade temática e teórica domina; em outro, é a procura constante, a contínua busca do sentido.

Mariza Peirano é professora na Universidade de Brasília

Fonte:

<http://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19930515&printsec=frontpage&hl=pt-PT> (página 48)



Gilberto (E) e Otávio Velho expõem o estado atual de suas reflexões, que tiveram início ainda na década de 70